



UMA NOVA VIA PARA HUMANIDADE PÓS-PANDEMIA: AS LIÇÕES DA CRISE E A IMPORTÂNCIA DO BEM COMUM E DA SOLIDARIEDADE NA CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA POLÍTICO SOCIAL.

A NEW WAY FOR HUMANITY POSTPANDEMIC: THE LESSONS FROM THE CRISIS AND THE IMPORTANCE OF THE COMMON GOOD AND SOLIDARITY IN THE CONSTRUCTION OF A NEW SOCIAL POLICY PARADIGM.

Bianca Inácio Oenning

RESUMO

O artigo trata da importância do bem comum e da solidariedade, levantando a seguinte problemática: o que podemos esperar do futuro pós-pandêmico diante da situação político social crítica que viemos enfrentando desde muito antes de cogitar a possibilidade de uma crise mundial impulsionada pelo COVID-19. Inicialmente realizou-se uma análise histórica sobre o surgimento e a motivação da formação das sociedades, sobre o surgimento do individualismo e sua influência nas correntes políticas e nas bases das relações sociais e sobre as problemáticas da globalização. Concluiu-se que há uma urgência em construir um novo paradigma político social que possibilite uma reconciliação entre o ser humano e o cidadão, dualidades inerentes a natureza humana que vivem em constante conflito, mas que ambas se fazem necessárias em sua plenitude para a esperança de um porvir promissor e sem retrocessos. A pesquisa utilizou-se do método de abordagem dedutivo, consistindo em pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Solidariedade. Sociedade. Dignidade. Humana. COVID.19.

ABSTRACT

The article deals with the importance of the common good and solidarity, raising the following issue: what can we expect from the post-pandemic future given the critical social political situation we have been facing since long before considering the possibility of a global crisis driven by COVID -19. Initially, a historical analysis was



carried out on the emergence and motivation of the formation of societies, on the emergence of individualism and its influence on political currents and on the bases of social relations and on the issues of globalization. It was concluded that there is an urgent need to build a new social political paradigm that enables a reconciliation between the human being and the citizen, dualities which are inherent in human nature that are constantly in conflict, but both are necessary in their fullness for the hope of a promising future without setbacks. The research used the deductive approach method, consisting of bibliographical research.

Keywords: Solidarity. Society. Dignity. Human. COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa elucidar sobre a importância do bem comum e da solidariedade para o desenvolvimento político, social e econômico planetário bem como para a proteção da dignidade da pessoa humana. Partindo dos pressupostos do surgimento do individualismo, que é a base da estrutura social existente até o presente, foi fundamental para a evolução e a conquista de direitos, porém já não é o suficiente pois distanciou muito a figura do cidadão do homem. Evidencia as problemáticas sociais emergidas pelo COVID-19 e as perspectivas de um futuro pós-pandêmico. Utilizando-se de visões políticas antagônicas como base de pesquisa, o que deixa claro que independente de discordarem em muitas situações existe algo que pode até passar despercebido ou esteja esquecido mas une toda a comunidade humana: a busca pela felicidade que não outro meio se não através da busca pelo bem comum.

2 FUNDAMENTOS E MOTIVAÇÕES DA FORMAÇÃO DAS SOCIEDADES

Imposta pelo medo de inimigos, a coesão social se iniciou com a lealdade a um grupo, e foi aumentando até que atingir o que hoje conhecemos como nações. (RUSSEL, 1977).

A impossibilidade de viver isolado impulsiona o homem para a vida com os seus semelhantes, porém uma simples reunião de pessoas não classifica uma sociedade, pois a mesma necessita de uma motivação diferenciada, em busca do



bem comum e deve ser estável, perdurar no tempo. Observa-se, contudo, uma tendência crescente de divergências políticas e sociais, que já não prioriza o bem-estar geral, e sim a afirmação de verdades singulares e absolutas. (GAMA, 2005)

O momento conturbado que vivemos no Brasil e no mundo, faz crescer a polarização, dificultando a ideia de busca pelo bem comum que é um dos principais fundamentos para formar democraticamente e manter uma sociedade. A defesa da democracia se dá em primeiro lugar pela tolerância mútua, que é a disposição política de concordar em discordar, já que dois lados defendem as mesmas ideias por focos diferentes e representam cada um deles uma parcela da população, convém que respeitem e tolerem seus pontos de vista divergentes tendo em vista não provar sua própria verdade, mas garantir que a maior parte da população seja beneficiada, e em segundo lugar pela reserva institucional, que é o ato de evitar ações que embora respeitem a letra da lei, violam claramente seu espírito. Os dois, mas especialmente o segundo, dizem respeito diretamente à participação popular, cidadãos atentos aos abusos dos governantes e que tenham discernimento para distinguir o que é bom para todos do que é apenas uma vontade particular apoiada por uma maioria que se identifica pessoalmente, e claramente pessoas que consigam tolerar pensamentos divergentes, que tenham empatia para enxergar o mundo pelos olhos alheios a fim de compreender e construir um bem que esteja acima de todos. (LEVITSKY, ZIBLATT, 2018)

“Segue-se daí que a vontade geral esteja debilitada ou corrompida? Não; ela é sempre constante, inalterável e pura; mas está subordinada a outras que a subjagam. Cada qual, destacando o próprio interesse do interesse comum, percebe que os não pode dividir completamente; mas parece-lhe insignificante sua parte do mal público perto do bem exclusivo de que deseja apropriar-se. Excetuado esse bem particular, cada qual pretende o bem geral em seu próprio interesse, nisso empregando o mesmo ardor que os demais.” (ROUSSEAU, 1996, p. 67).

A coletividade existe para realizar o que o indivíduo só não tem possibilidade de fazer, sua motivação é mais íntegra que as vontades pessoais dos indivíduos. O individualismo se apresenta como uma inconsciente “vontade de

Estudante da sexta fase do curso de Direito da Faculdades ESUCRI
E-mail: bia.oenning@outlook.com



potência” — força motriz do ser humano, busca pela felicidade — como se bastasse para deter poder sobre si, libertar-se da supremacia da sociedade. (Nietzsche, 2010)

Todas as tentativas históricas da sociedade tentar fazer felizes seus indivíduos geraram mais miséria que felicidade. Mas a boa sociedade pode tornar livres seus integrantes, não apenas livres de um ponto de vista negativo — no sentido de não serem coagidos a fazer o que não fariam por espontânea vontade — mas positivamente livres, no sentido de serem capazes de fazer algo da própria liberdade, pode influenciar as condições da própria existência, dar um significado para o “bem comum” e fazer as instituições sociais se adequarem a esse significado. A “questão da Paidéia¹” não pode ser eliminada porque há ainda o projeto democrático não realizado de termos uma sociedade livre constituída por indivíduos livres, e só são livres quando podem instituir uma sociedade que protege e promove sua liberdade, a não ser que instituem juntos um agente capaz de alcançar exatamente isso. É preciso fazer a ágora² retomar a Eclésia³, reconstruir esse espaço político em que o público e o privado se encontram, onde não apenas se faz uma escolha dentre as opções disponíveis como se examina, questiona e renegocia. Não será tarefa fácil, para adaptar a ágora aos indivíduos livres e à sociedade livre, é preciso interromper ao mesmo tempo sua privatização e despolitização. É preciso restabelecer a tradução do privado para o público, é preciso retomar o discurso interrompido do bem comum. (BAUMAN, 2001)

¹ Palavra grega que significa formação geral que tem por tarefa construir o homem como homem e como cidadão.

² Nome que se dava às praças públicas na Grécia Antiga, onde ocorriam reuniões que se discutiam assuntos ligados à vida da cidade (pólis). As assembleias aconteciam na Ágora e os gregos podiam decidir sobre temas ligados a justiça, obras públicas, leis, cultura, etc. Os cidadãos votavam e decidiam através do voto direto. Também era um espaço público de debates para os cidadãos gregos.

³ Eclésia era a principal assembleia popular em Atenas, na Grécia Antiga. Era aberta para todos os cidadãos, homens, maiores de 18 anos. Foi criada por Sólon em 594 a.C. Por ela eram eleitos os magistrados e outros funcionários públicos. No início se reunia uma vez por mês, mais tarde se encontravam de 3 a 4 vezes por mês. Os votos eram contados pelas mãos. *A Eclésia foi o berço da Democracia.*



3 DO INDIVIDUALISMO

Originariamente as guerras eram conflitos de extermínio, com o passar do tempo tornaram-se guerras de conquista onde os vencidos eram escravizados pelos vencedores passando a existir dois grupos de pessoas no seio da comunidade: os membros originais e os súditos que obedeciam por medo e não por lealdade. Esses mesmos mecanismos se encontram na lealdade moderna quando dividimos instintivamente a humanidade em amigos - com quem se mantém laços de moralidade e cooperação - e inimigos - os que se encontram em situação de competição. Essa noção de amigo e inimigo pode modificar-se com o tempo dependendo das ameaças externas que podem fazer de inimigos irmãos. (RUSSEL, 1977)

Os velhos instintos herdados dos antepassados tribais, fazem parecer que a luta é a lei da vida, e que num mundo em que todos se amassem uns aos outros, nada haveria pelo que viver. Para que a unificação da humanidade aconteça, é necessário encontrar modos de coibir a ferocidade primitiva, através do estabelecimento da lei e achando-se válvulas de escape para os instintos de competição, estes que estão presentes desde a origem do homem e o servido como impulso para grandes feitos. (RUSSEL, 1977)

Do individualismo surgiram as políticas indenitárias, as de esquerda inicialmente visavam reparar grandes erros históricos, com o tempo foi fazendo com que os jovens se voltassem cada vez mais para a própria interioridade em vez de se abrirem para o mundo exterior, deixando-os despreparados para pensar no bem comum. O hiperindividualismo tomou conta da sociedade e a política seguiu pelo mesmo caminho egocêntrico. As pessoas desejam que a política realize mais do que justiça social, querem estreitar as distâncias entre o que sentem dentro de si e o que acontece ao seu redor, sentirem-se em comunhão com movimentos políticos que reflitam a compreensão e a definição que fazem de si mesmos na qualidade de indivíduos. Ao invés de se buscar construir uma individualidade através do envolvimento do eu com o mundo exterior, o envolvimento com a política e com o



mundo tem o objetivo de afirmar aquilo que já se é, o interesse político é circunscrito aos confins do auto definição reduzindo os espaços imparciais de diálogo. (LILLA, 2017)

Morin (2015) fala sobre a complexidade do conhecimento e podemos observar como a falta dela afeta as relações sociais, rapidamente todos se tornam especialistas em tudo, inclusive em política, mas com falta de profundidade e embasamento que leva a disseminação de falsas verdades tomadas por absolutas, gerando uma gama de pólos opostos, indivíduos esquecem os ideais de igualdade tornando-se adversários, sem capacidade de compreensão do outro, tornando as relações supérfluas e dificultando a conversação com intenção de chegar a um denominador comum.

A ideologia de direita levou o povo a pensar que o capitalismo era a cura dos males, aumentando a ganância, fechando os indivíduos em si e suas famílias e consequentemente alimentando o individualismo em detrimento da solidariedade. Existindo com isso apenas duas ideologias individualistas esgotadas e incapazes de enxergar o bem comum, somos governados por partidos que já não sabem o que querem. O único adversário que nos resta somos nós mesmos, e seguimos no auto sabotando. A concordância jamais reinará absolutamente entre as pessoas, mas se engajar num movimento específico onde as todos pensam de maneira igual faz com que os pontos de vista divergentes nunca entrem em pauta, é preciso lembrar que nem tudo é questão de princípios, e mesmo quando é, em geral há outros princípios importantes que talvez tenham que ser sacrificados para preservar um princípio em particular. (LILLA, 2017)

Para solucionar esse dilema é necessário apelar para algo que seja comum a todos, que não tenha a ver com identidades, mas sem negar a existência e importância destas, é necessário lembrar que antes de qualquer diferença somos cidadãos. As discriminações e injustiças deveriam ser inconcebíveis somente pelo fato de terem como vítimas cidadãos, que merecem ter seus direitos garantidos e sua dignidade protegida, o senso de cidadania é o que pode aproximar pessoas tão



diferentes e criar laços de empatia. Apresentar questões puramente identitárias convida os opostos a fazerem o mesmo e com isso nunca chegarem a um denominador comum. (LILLA, 2017)

Admitir a verdade de uma doutrina, ou ideologia apenas por esta proporcionar felicidade e alimentar os anseios individuais mais profundos, é o caminho mais fácil para preservar a ignorância e criar a sensação de conhecimento e pertencimento. (NIETZSCHE, 2017)

A matriz individualista foi o que gerou a crise do estado social, tratando o indivíduo como proprietário de si mesmo e não como parte de um todo social ou moral mais amplo. Caracterizando a sociedade como um conjunto de indivíduos livres e iguais que se relacionam entre si e são proprietários das suas próprias capacidades, e o Estado é um instrumento de proteção para uma relação pacífica. Esse modelo antropológico leva a construção de um ideal de satisfação máxima dos desejos dos individuais. O indivíduo por sua vez sentindo-se livre para legitimar seus fins mais egoístas por óbvio perde o interesse por uma ideia de justiça política assentada no bem comum. O que causa dano na dignidade dos próprios indivíduos. Faz-se necessário construir uma nova estrada abrindo os caminhos para a solidariedade, princípio do pensar no bem de todos e no bem de cada um, evocando a responsabilidade de todos por todos, o reconhecimento da dignidade do outro a fim de enxergar o homem em sua totalidade e integralidade, enquanto pessoa humana. Esta que é o único elemento, o elo que une as diversidades de realidades humanas. (DI LORENZO, 2017)

O homem, antes de indivíduo é pessoa, causa final do ordenamento jurídico, é quem o dá sentido e o realiza, e mesmo compartilhando da mesma natureza de outros é inegável a irreduzibilidade singular de cada pessoa. Todos os homens são o mesmo sem serem exatamente iguais. O homem é a essência, a abstração enquanto a pessoa é existência, realidade. Quando se fala em pessoa humana deve se compreender a dualidade indivíduo/sociedade. (DI LORENZO, 2017)



A dignidade da pessoa humana é o fundamento do Estado e finalidade do mesmo que não tem outra razão de existir. Todos os homens compartilham da mesma natureza, mesma origem e mesmo fim, essa igualdade aproxima as pessoas devendo ampliar a percepção de que a dignidade do outro é de certa forma a própria dignidade. Cada pessoa é um fragmento da humanidade, ainda que o valor da vida de vários homens possa ser maior que o valor da vida de somente um, a dignidade de vários homens não significa mais que a de um só. O reconhecimento do outro permite que cada um ocupe seu lugar na comunidade. Para garantir a dignidade da pessoa é preciso superar a divisão entre o Estado e a sociedade, o Estado é um instrumento da comunidade política que tem como fim o bem comum. A cidadania surge da atribuição de poderes políticos as pessoas, aquela deve servir a humanidade, pois, a pessoa que é o sujeito e fim da política. O princípio e o fim absoluto da política assim como da pessoa, é a felicidade e esta é o fundamento do princípio do bem comum, que resulta da igualdade e unidade das pessoas e requer esforço comum para sua realização e manutenção. O bem comum obriga a comunidade a garantir condições para a realização de valores pessoas sem assumir como seus os fins individuais. Pensar e agir norteados pelo princípio da solidariedade que age no espaço das desigualdades para que todos e cada um realizem sua dignidade, levando a um desenvolvimento de todas as pessoas e de cada uma delas em particular. (DI LORENZO, 2017)

4 A PANDEMIA E SEUS ENSINAMENTOS

A megacrise que enfrentamos iniciada por um minúsculo vírus e alcançou dimensões catastróficas mundiais, revela uma verdade que jamais deveria ter sido esquecida, o todo jamais pode ser separado. Essa crise geral oriunda do coronavírus é um sintoma de uma crise mais profunda, a crise da modernidade. Faz-se necessário pensar numa mudança de paradigma. Essa reclusão que fora imposta a humanidade como forma de proteção condenou a todos a refletirem sobre o futuro incerto e sobre a relação do ser humano com o mundo que habita. O pós-coronavírus além de ser um momento incerto e muito desejado também é



extremamente preocupante, pois pode ser tanto apocalíptico quanto esperançoso. Tudo dependerá da forma como forem enfrentadas as crises, se os caminhos da regeneração estiverem amparados nas lições aprendidas durante o grande isolamento, que revelou a interdependência social e a necessidade de solidariedade humana para enfrentar as adversidades, do contrário poderá levar a um desmembramento das sociedades. A única certeza é de que está na hora de mudar de Via, e que seja para a regeneração da política, proteção do planeta e humanização da sociedade. (MORIN, 2021)

O isolamento social levou todos a um momento de introspecção que há muito tempo já se fazia necessário, refletir sobre a própria existência e suas reais necessidades, e também a lembrar de tantos que suportam a vida em condições de penúria marginalizados e o quanto se faz necessária a solidariedade para com estes. Fez com que caíssem as máscaras do poder e emergisse toda fragilidade humana, o homem que por tanto tempo se julgou senhor da natureza viu-se prostrado diante de um vírus, de poderosos à fracos, a dualidade esquecida, mas intrínseca a condição humana que acompanhou desde o início a incerta e grande aventura da humanidade. (MORIN, 2021)

Todos se viram obrigados a priorizar o essencial, seja para a subsistência, seja para a sobrevivência das relações sociais, um convite a refletir sobre o consumismo indiscriminado e a superficialidade dos relacionamentos. Por muitos momentos a solidariedade adormecida em cada um despertou para tornar mais tolerável o enfrentamento da prova vivenciada em comum. Algo que deveria acontecer independentemente de crises mundiais. Atitudes e invenções solidárias foram capazes de suprir inúmeras vezes a insuficiência dos poderes públicos e evidenciaram a desigualdade social, a solidão humana, a importância vital dos trabalhadores que exercem profissões desvalorizadas e muitas vezes desprezadas e a importância da educação no desenvolvimento da sociedade e do indivíduo e a missão da ciência de progredir e cooperar entre si para a preservação de todos. (MORIN, 2021)



O enfrentamento de uma crise estimula tanto a criatividade na busca de soluções para enfrentar as adversidades como a busca do retorno a estabilidade, *statu quo ante*. A angustia provocada pela instabilidade leva a procura por um culpado que pode também ser um bode expiatório abrindo caminhos para lobbies. A incapacidade de prever o inesperado e a confiança extrema no que se pode prever, provou que nem sempre a ignorância é motivo de cegueira, o conhecimento também cega quando tido como verdade absoluta. (MORIN, 2021)

5 GLOBALIZAÇÃO EM CRISE

Em que pese a globalização tenha sido fundamental para o desenvolvimento das sociedades e melhoria econômica dos países considerados subdesenvolvidos, ela reduz a autonomia nacional vital. A globalização deve abarcar a desglobalização, que embora antagonista é essencial para salvar nações ameaçadas em seu espaço vital. A globalização é inviável sem solidariedade, seu caráter técnico econômico deve ser ampliado para o desenvolvimento dos laços de cooperação, é preciso pensar em maneiras de incentivar a autonomia econômica dos Estados para que possam gerir as crises com o mínimo de autossuficiência com relação as necessidades essenciais de alimentação e produtos ligados a saúde. O soberanismo, a globalização e a solidariedade precisam andar de mãos dadas criando assim uma globalização humanizada. (MORIN, 2021)

O restabelecimento da responsabilidade e solidariedade social é a base para a reforma da administração pública. Não existe progresso sem retorno as bases, para a reforma do pensamento político é necessária a reforma do próprio pensamento. Morin (2021) sugere a revitalização dos princípios da Republica: Liberdade, Igualdade e Fraternidade de maneira que esses princípios são as bases republicana e democrática para uma política que deverá se apoiar em quatro fontes posteriores:

- “- a fonte socialista, voltada à melhoria da sociedade por meio do desenvolvimento da solidariedade e da recusa da dominação do lucro;
- a fonte libertaria, voltada a autonomia e ao desenvolvimento do indivíduo;
- a fonte comunista, voltada á instauração da fraternidade nas relações humanas;



- a fonte ecológica, cuja importância, surgida em 1970, deve irrigar toda e qualquer política.”

As desigualdades podem ser reduzidas por meio de uma política de solidariedade e da humanidade, que dá a cada nação o senso de pertencimento a comunidade levando ao caminho da solidariedade planetária. (MORIN, 2021)

6 CONCLUSÃO

Por muito tempo a humanidade pensou estar no controle total de tudo que a cerca, e os imensos e enraizados problemas sociais e políticos que assolam o mundo desde o surgimento das sociedades estava soterrado sob um monte de hipocrisia. As problemáticas que estão aos poucos se tornando foco de atenção como os pontos negativos do individualismo, as misérias, a falta de organização e controle das instituições políticas em momentos de crise, a perda do pertencimento à comunidade, a crise da globalização, a busca pelo que alimenta somente aos apetites egocêntricos, são dentre tantos outros, problemas calcificados na base do pensamento da sociedade, que já não se enxerga como um todo mas como quase em um estado de guerra, de competição, de imposição de ideologias. Porém, foi necessária uma crise em escala mundial causada por um vírus para que a humanidade começasse a acordar do estado de sonambulismo no qual se encontrava por muito tempo. As lições aprendidas durante todo o isolamento, todas as perdas e males causados pelo COVID-19 precisam ser usadas como combustível para impulsionar a evolução humana em nível planetário. Não há mais espaço para disputas de autoafirmação, o reconhecimento e o respeito para com o outro como integrante igual da mesma comunidade, a comunidade humana, basta para que se tenha motivos para lutar pelos próprios direitos que não são nada mais que os direitos de todos. Somente com essa mudança basilar se pode esperar um futuro promissor pós-pandêmico, uma reconstrução político social e uma globalização humanizada.



REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DI LORENZO, Wambert. **Teoria do estado de solidariedade: da dignidade da pessoa humana aos seus princípios corolários**. 2. ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

GAMA, Ricardo. **Ciência Política**. 1. ed. Campinas: LZN, 2005.

LEVITSKY, Steven. ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LILLA, Mark. **O progressista de ontem e o do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via as lições do coronavírus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. São Paulo: Escala, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



RUSSEL, Bertrand. **A autoridade e o indivíduo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.